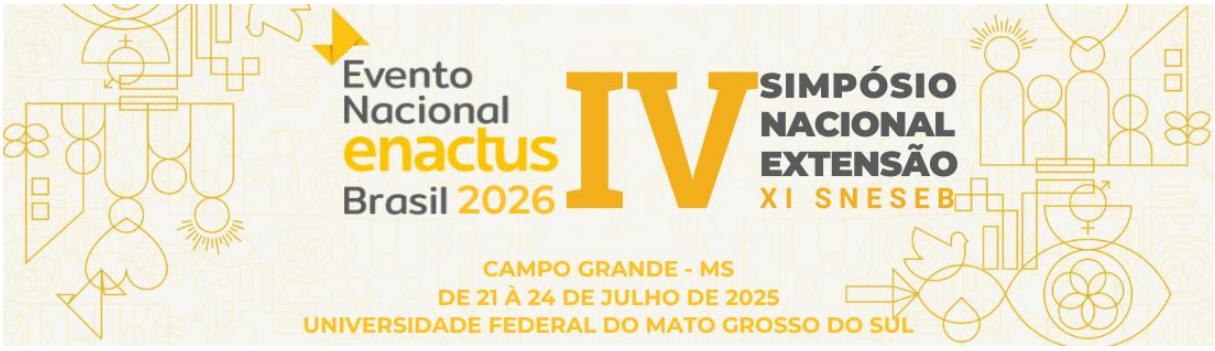


DO PONTO SIMPLES AO PONTO DOBRADO: TECENDO O CAPITAL SOCIAL E A AÇÃO COLETIVA NA OVINOCULTURA DO ASSENTAMENTO ESTRELA – CAMPO GRANDE

Thainara Farias Rocha[1]
Lilian Oliveira Daniel[2]
Geraldino Carneiro de Araújo[3]

Resumo

O presente relato de experiência analisa uma intervenção extensionista realizada no Assentamento Estrela - Campo Grande, Mato Grosso do Sul, que teve como foco o fortalecimento da ovinocultura por meio da organização coletiva. A ação foi conduzida em parceria com instituições públicas, de extensão, pesquisa e ensino, tendo como objetivo sensibilizar produtores quanto à importância da cooperação para viabilização produtiva e acesso a mercados. Metodologicamente, adotou-se o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), aliado a dinâmicas de mediação horizontal e construção coletiva do conhecimento. A experiência evidenciou fragilidades na comunicação entre os produtores, bem como baixo nível de articulação organizacional. Como resultado, observou-se avanço na compreensão de modelos associativos e cooperativos, fortalecimento do senso de pertencimento e reconhecimento da necessidade de formalização institucional. A metáfora do "ponto dobrado" emergiu como síntese simbólica da importância da ação coletiva. Conclui-se que intervenções baseadas em metodologias participativas contribuem significativamente para o fortalecimento do capital social e para a construção de estratégias sustentáveis no contexto da agricultura familiar.

Palavras-chave: ação coletiva; extensão rural; capital social; ovinocultura.

[1] Graduada em Zootecnia, Universidade Católica Dom Bosco,Mestre em Produção Animal pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, Gestora de Desenvolvimtno Rural na Agencia de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural – Agraer (thainararocha.mga@gmail.com).

[2] Graduada em Administração, Mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, gestora socioorganizacional rural na Agencia de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural - Agraer (lilian.daniel@ufms.br)

[3] Graduando em Administração, Licenciado em Sociologia, Mestre em Agronegócios, Doutor em Administração e docente na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS (geraldino.araujo@ufms.br).

CONTEXTO INSTITUCIONAL E OBJETIVOS DA INTERVENÇÃO

No âmbito das ações de fomento à ovinocultura promovidas por equipe técnica da Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (Agraer), autarquia vinculada à Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação (Semadesc), realizamos uma intervenção técnica e pedagógica junto aos produtores do Assentamento Estrela - Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O encontro foi intitulado como "Cordeiros para o Mercado: Produzir Melhor e Crescer no Coletivo" (Figura 1),

Figura 1 – Divulgação do encontro



Fonte: divulgação / os autores.

O encontro ocorreu em um cenário de convergência institucional, reunindo a presidência e o escritório regional da Agraer, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Gestão Urbana e Desenvolvimento Econômico, Turístico e Sustentável (Semades) da Prefeitura Municipal, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), a Embrapa Gado de Corte, Câmara Setorial

de Caprino-ovinocultura, estudantes e professora do curso de Zootecnia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) com a atividade aqui descrita.

Apesar da presença de iniciativas institucionais voltadas ao fortalecimento da ovinocultura, observava-se no Assentamento Estrela - Campo Grande uma baixa articulação entre os produtores, marcada por dificuldades de comunicação, pouca adesão a ações coletivas e limitada capacidade de organização produtiva. Tal cenário comprometia tanto o acesso a mercados quanto o aproveitamento de políticas públicas e programas de apoio existentes.

Sendo assim, o foco central da ação envolveu o suporte a Propriedade de Descanso de Ovinos para Abate (PDOA), buscando sensibilizar os produtores ativos e os interessados sobre a viabilidade da atividade por meio da organização coletiva no âmbito do projeto "Fortalecimento da Ovinocultura por meio da capacitação técnica e gerencial de Agricultores Familiares", vinculado à política pública do PDOA e apoiado por chamada da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect/Semadesc).

Esta ação de extensão alinha-se à Agenda 2030 da ONU, transformando diretrizes globais em impacto local:

- ODS 1 (Erradicação da Pobreza): no fortalecimento da geração de renda ao oferecer suporte para que o pequeno produtor saia da margem de negociação e passe a acessar mercados mais rentáveis através da união de volumes;
- ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável): o apoio técnico à ovinocultura melhora a oferta de proteína animal e promove sistemas de produção resilientes, essenciais para a segurança alimentar do estado;
- ODS 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico): o incentivo ao associativismo/cooperativismo gera trabalho digno e crescimento econômico inclusivo, permitindo que o lucro da atividade permaneça dentro da própria comunidade assentada; e,
- ODS 17 (Parcerias e Meios de Implementação): Este ponto é vital, pois a sua presença como representante da UFMS, ao lado da Agraer, Embrapa, Senar e Prefeitura, materializa a hélice

quádrupla (academia, governo, empresa e sociedade) necessária para o desenvolvimento territorial sustentável em Mato Grosso do Sul.

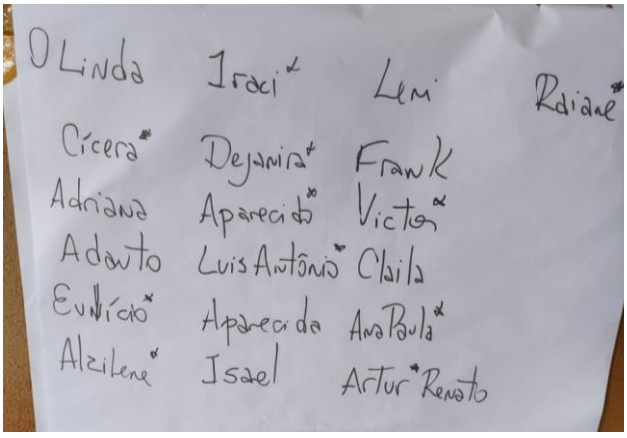
METODOLOGIA DE CAMPO E DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO

A condução dos trabalhos iniciou-se após as falas institucionais, adotando uma postura de mediação horizontal. O grupo de ouvintes, assentados, era heterogêneo, composto por produtores de ovinos (em fase inicial) e outros em fase de decisão sobre essa produção. Para alinhar as expectativas dos participantes, utilizamos uma dinâmica de apresentação em rede: cada participante falava seu nome, informava se já produzia ovinos e indicava o próximo colega.

Os nomes foram registrados em tempo real em um *flip chart* (Figura 2), utilizamos asteriscos para sinalizar os produtores ativos. Esta etapa, embora aparente ser um simples "quebra-gelo", constituiu um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP). Visualmente, o grupo pôde enxergar sua própria densidade e identificar lideranças e pares, criando um senso imediato de comunidade e pertencimento.

Figura 2 – Participantes da ação





Fonte: os autores.

Em termos quantitativos e operacionais, a atividade contou com a participação de 19 produtores, dos quais 11 já atuavam na ovinocultura (Figura 2). Ao final do encontro, observou-

se a manifestação de interesse de parte do grupo em dar continuidade ao processo organizativo, indicando disposição para participação em novas reuniões voltadas à formalização coletiva.

Do ponto de vista metodológico, a experiência pode ser caracterizada como uma intervenção extensionista de natureza qualitativa, com uso de técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), observação direta e registro em campo. A sistematização baseou-se na reconstrução analítica das interações ocorridas durante a atividade, considerando percepções dos participantes, falas-chave e dinâmicas coletivas.

A abordagem adotada na intervenção também dialoga com a perspectiva da educação popular, conforme proposta por Freire (2011), ao reconhecer os produtores como sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento. Ao privilegiar o diálogo, a escuta e a valorização dos saberes locais, a ação extensionista rompe com a lógica vertical de transferência de tecnologia, aproximando-se de uma prática educativa emancipatória, na qual o conhecimento técnico é construído de forma compartilhada e contextualizada à realidade dos participantes.

Assim, a mediação pedagógica adotada na intervenção partiu do princípio de que os produtores não são receptores passivos de conhecimento, mas sujeitos portadores de saberes construídos na prática cotidiana. Ao valorizar essas experiências, a condução das atividades promoveu um ambiente dialógico, no qual o conhecimento técnico foi introduzido como complemento e não como imposição.

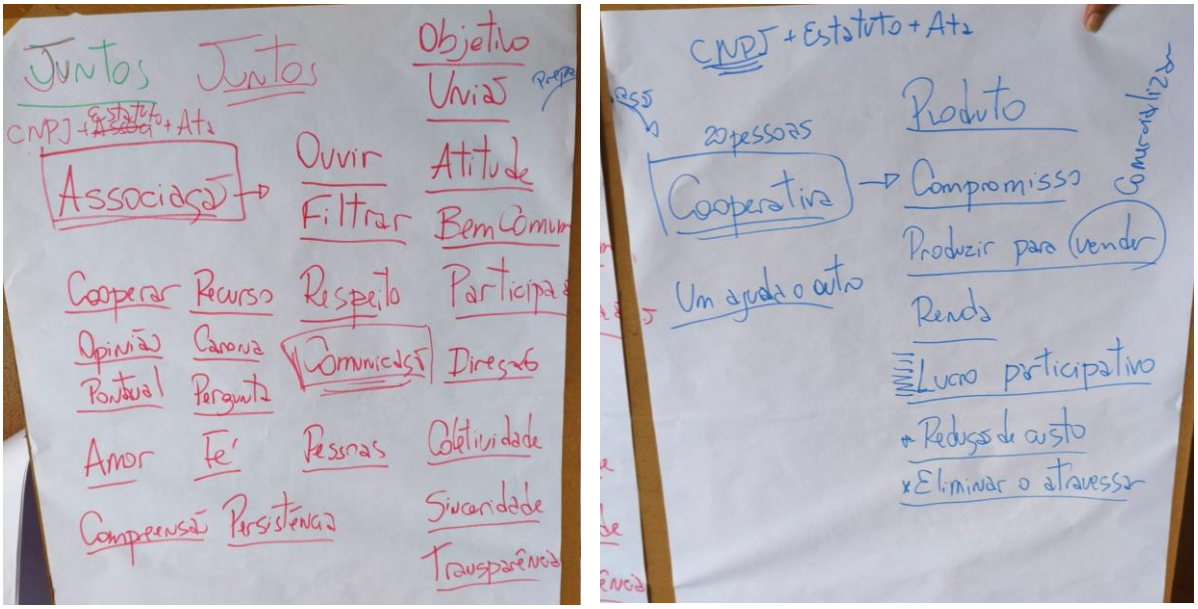
Esse processo favoreceu maior engajamento dos participantes, uma vez que as discussões emergiram de situações concretas vivenciadas no território, permitindo que os próprios produtores reconhecessem suas práticas como ponto de partida para a construção de soluções coletivas.

CONSTRUÇÃO COLETIVA: DO SENSO COMUM AO CONCEITO TÉCNICO

No segundo momento, a pauta focou na diferenciação entre Associação e Cooperativa. Utilizando o método de livre participação, os assentados foram estimulados a definir esses conceitos com base em suas vivências. Surgiram termos subjetivos e carregados de valor, como “união”, “fé” e “amor”, intercalados com termos de gestão como “cooperação” e

"comunicação". Todos os registros foram mantidos visíveis no papel para leitura coletiva (Figura 3).

Figura 3 – Dinâmica: associação e cooperativa



Fonte: os autores.

Uma contribuição de destaque partiu de um dos produtores, que definiu a "cooperativa como a evolução de uma associação". A partir desses insumos, conectamos as explicações técnicas à realidade local, discutindo a força, a visibilidade e a voz política que o grupo adquire ao se organizar. Foi nesse ponto que uma das participantes sintetizou a teoria da organização com uma metáfora potente: "O ponto dobrado é mais forte que o ponto simples", reforçando a ideia de que a estrutura coletiva oferece uma resistência que o produtor isolado não possui.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ABORDAGEM PEDAGÓGICA

A equipe multidisciplinar, com as áreas de autuação envolvendo a extensão rural, a academia e a educação, a estratégia adotada baseou-se nos princípios da Andragogia de Knowles *et al.* (2011), que valoriza o saber prévio do adulto e a aplicabilidade imediata do conhecimento. Ao validar as experiências dos assentados, a intervenção transformou a extensão

rural em um processo de educação não formal, em que o aprendizado ocorre pela relevância prática.

A dinâmica também se sustentou no Construtivismo Social de Vygotsky (2007). A mediação permitiu que o grupo transitasse do "senso comum" para o "conceito científico". O exemplo prático dado por três produtores, que já se uniam informalmente para a compra de adubo e sal a preços competitivos, ilustra a Zona de Desenvolvimento Proximal, que se refere à distância entre aquilo que o indivíduo já consegue realizar de forma autônoma e o que pode alcançar com o apoio de outros sujeitos mais experientes - eles já praticavam a cooperação, restando apenas o suporte técnico para formalizar essa eficiência.

No contexto do assentamento, os produtores já apresentavam práticas incipientes de cooperação, como compras coletivas de insumos, ainda que de maneira informal. A mediação realizada ao longo da atividade possibilitou transformar essas práticas dispersas em uma compreensão mais estruturada sobre organização coletiva, evidenciando que o conhecimento não foi introduzido externamente, mas desenvolvido a partir das interações sociais e do reconhecimento das experiências já existentes no grupo.

A dinâmica observada também pode ser interpretada à luz da teoria da difusão de inovações de Rogers (2003), na medida em que evidencia diferentes níveis de adoção da ovinocultura e das práticas cooperativas entre os participantes. Enquanto alguns produtores já atuavam como adotantes iniciais, experimentando formas incipientes de cooperação, outros se encontravam em estágios mais iniciais de decisão. Nesse contexto, a intervenção funcionou como um espaço de troca e validação social, elemento fundamental para reduzir incertezas e estimular a adoção de práticas organizativas mais estruturadas.

Sob a ótica da Administração, a intervenção dialoga com o conceito de capital social (Putnam, 2005), ao evidenciar que a confiança e a comunicação são elementos centrais para a ação coletiva. Na prática observada, a fragilidade desses elementos se manifestava como um entrave organizacional, reforçando a necessidade de estratégias de fortalecimento relacional.

Para além da perspectiva funcional do capital social, a experiência também pode ser analisada a partir da contribuição de Bourdieu (1989), que compreende esse capital como um recurso construído a partir de redes de relações duráveis e de reconhecimento mútuo. Nesse

sentido, a intervenção não apenas estimulou a cooperação, mas contribuiu para a construção simbólica de pertencimento e identidade coletiva, elementos essenciais para a consolidação de iniciativas produtivas baseadas na ação coletiva.

A abordagem também dialoga com a teoria da Ação Coletiva de Ostrom (1990), ao identificar a comunicação como a “chave” para a governança dos recursos comuns e para a sustentabilidade da associação. Do ponto de vista analítico, a experiência reforça que intervenções extensionistas eficazes não se limitam à transferência de tecnologia, mas exigem mediação social qualificada, capaz de transformar interações em processos de aprendizagem coletiva. Nesse sentido, o papel das instituições envolvidas mostrou-se fundamental como catalisador de vínculos e facilitador de processos organizativos. A Figura 4 traz todos os envolvidos na ação.

Figura 4 – Participantes da ação



Fonte: os autores.

A análise da experiência permite ainda identificar uma triangulação teórica que sustenta a intervenção realizada. Do ponto de vista pedagógico, a abordagem aproxima-se da perspectiva

de Freire (2011), ao valorizar o diálogo e o reconhecimento dos saberes locais como ponto de partida para a construção do conhecimento.

No campo da inovação, a leitura se articula com Rogers (2003), ao evidenciar diferentes níveis de adesão às práticas produtivas e organizativas entre os produtores. Por fim, sob a ótica sociológica, a experiência dialoga com as contribuições de Bourdieu (1989) e Putnam (2005), ao destacar o papel das redes de relações, da confiança e do pertencimento na consolidação da ação coletiva. Essa articulação teórica reforça o caráter multidimensional da intervenção, integrando dimensões educativas, produtivas e relacionais.

RESULTADOS E APRENDIZADOS DA EXPERIÊNCIA

Os objetivos centrais da ação não se limitaram à transferência de informações técnicas, mas focaram na sensibilização para a ovinocultura sustentável como um negócio viável dentro da agricultura familiar. A meta foi promover uma reflexão quanto a governança coletiva, demonstrando que a viabilidade econômica no Assentamento Estrela - Campo Grande depende da superação do individualismo.

Buscou-se o empoderamento técnico-administrativo dos assentados, fornecendo-lhes as ferramentas conceituais necessárias para que eles próprios pudessem decidir sobre o futuro organizacional do grupo, garantindo autonomia na tomada de decisão frente às instituições parceiras.

Como resultado prático da dinâmica do *flip chart*, obteve-se o mapeamento rápido do potencial produtivo local, identificando quem já possui expertise e quem está em fase de prospecção. Esse levantamento funcionou como um censo simples e rápido da cadeia produtiva de ovinos no assentamento.

A intervenção gerou resultados imediatos no campo das percepções e da organização coletiva. Observou-se, inicialmente, um aumento no reconhecimento mútuo entre os participantes, favorecido pela dinâmica de apresentação em rede, que permitiu a visualização da composição do grupo e de seus diferentes níveis de envolvimento com a ovinocultura.

No plano conceitual, houve avanço na compreensão das diferenças entre associação e cooperativa, sobretudo quando os próprios assentados passaram a formular definições a partir

de suas experiências. A construção coletiva do conceito reforçou a internalização do conteúdo, evidenciada pela apropriação da metáfora do “ponto dobrado”.

O impacto mais profundo manifestou-se na mudança de percepção dos participantes. O grupo transitou de uma visão isolada para uma compreensão clara da eficiência de mercado via cooperação. A prova tangível desse impacto foi a autocrítica realizada pelos assentados sobre a falha na comunicação interna.

Ao reconhecerem que a “chave” do sucesso é a comunicação assertiva e profissionalizada, o grupo demonstrou prontidão para adotar essa prática de gestão, que é fundamental para a redução de riscos e o aumento da competitividade a partir da solidariedade de uma organização coletiva.

Como resultado prático, destacou-se a identificação da comunicação como principal gargalo organizacional, além do reconhecimento da necessidade de formalização institucional como estratégia para ampliação do poder de negociação e acesso a mercados. Ainda que não tenham sido implementadas mudanças estruturais imediatas, a experiência produziu um deslocamento cognitivo relevante, criando bases para futuras ações coletivas mais estruturadas.

Além disso, a intervenção culminou na pactuação de um cronograma de capacitação, transformando o interesse difuso em um compromisso formalizado para as próximas etapas de assessoria jurídica e administrativa para a criação da associação ou cooperativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E ENCAMINHAMENTOS TÉCNICOS

A experiência demonstrou que o sucesso da ovinocultura no Assentamento Estrela - Campo Grande depende, além da técnica produtiva isolada, da capacidade de organização dos produtores. O grupo identificou a falha na comunicação como o principal gargalo atual, aceitando o desafio de aprimorar o fluxo de informações via ferramentas digitais (*WhatsApp*) e reuniões presenciais.

O encerramento da atividade deixou os produtores com a tarefa de refletir sobre o modelo jurídico ideal para o grupo. Como limitação, destaca-se o fato de a intervenção ter ocorrido em um único encontro, o que restringe a observação de efeitos de longo prazo sobre a

organização produtiva. Além disso, não houve acompanhamento sistemático posterior, o que abre espaço para futuras investigações.

Ainda assim, como passo subsequente, nos colocamos à disposição para um segundo encontro, dessa vez mais técnico, focado na formalização administrativa e encaminhamentos jurídicos: elaboração de Estatuto Social, ritos de Assembleia e redação de Atas.

A universidade, por meio da UFMS, reafirma assim seu papel na transformação da realidade do agronegócio familiar, unindo rigor científico e sensibilidade social. A experiência indica que políticas públicas voltadas à agricultura familiar devem incorporar estratégias de mediação social e fortalecimento do capital relacional como condição para sua efetividade.

Este trabalho utilizou a ferramenta ChatGPT (OpenAI) como apoio na revisão gramatical e melhoria de clareza textual. Todas as decisões analíticas, interpretações e redação final são de responsabilidade exclusiva dos autores.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

KNOWLES, Malcolm Shepherd; HOLTON III, Elwood F.; SWANSON, Richard A. *Aprendizagem de adultos*: andragogia e formação de recursos humanos. Tradução de Sabine Louise Laranja de Almeida. São Paulo: Elsevier, 2011.

OSTROM, Elinor. *Governing the commons*: the evolution of institutions for collective action. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

PUTNAM, Robert David. *Comunidade e democracia*: a herança cigana na Itália moderna. Tradução de Luiz Alberto Figueiredo Falcão. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ROGERS, Everett Mitchell. *Diffusion of innovations*. 5. ed. New York: Free Press, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *A formação social da mente*: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.